

Distribuição de papéis: Murilo Mendes escreve a Carlos Drummond de Andrade e a Lúcio Cardoso*

Júlio Castañon Guimarães

1.

AINDA MUITO POUCO DIVULGADA, NÃO SE TEM sequer noção do volume que pode ter a correspondência de Murilo Mendes. Todavia, independentemente da quantidade, sua significação pode ser avaliada não só pela importância do autor, mas concretamente pelo que indiciam umas poucas cartas já tornadas públicas¹. No Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da

* Texto publicado em Papéis Avulsos n. 27, FCRB.

* É verdade que esta sonata é da 1ª fase de B.

* "Rasoumovsky"

¹ Das cartas para Lúcio Cardoso há, por exemplo, longas citações em Corcel de Fogo de Mario Carelli (Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988). Das cartas para Carlos Drummond de Andrade, seis foram publicadas na Revista do Brasil, ano 5, nº 11, dezembro de 1990, sob o título "Seis cartas de Murilo Mendes a Carlos Drummond de Andrade", e uma na Folha de S. Paulo, Suplemento Letras, de 11 de maio de 1991. Há ainda citações de outras cartas em Murilo Mendes (Petrópolis: Vozes, 1972), de Laís Correa

Fundação Casa de Rui Barbosa, encontram-se cartas de Murilo Mendes dispersas pelos arquivos de alguns escritores. Além de o conjunto delas não ser grande, não se tem também um número significativo de cartas dirigidas a um único destinatário. Em vários casos encontra-se uma única carta para o destinatário, como é o caso, por exemplo, de Andrade Muricy e Manuel Bandeira. Assim, em geral, não se tem a documentação de uma correspondência com continuidade ou duradoura, mas exemplares isolados. Esta, porém, é apenas uma verificação inicial; é preciso ainda tentar definir se esses exemplares isolados de correspondência são de fato o que se passou ou se são somente o que foi preservado, supondo-se então algum extravio temporário ou perda definitiva de peças do conjunto. Isto implica exame de outros arquivos, de modo especial o do próprio Murilo Mendes (quando se tornar disponível), onde a presença ou ausência da contraparte das correspondências é dado fundamental; estudo das relações entre os correspondentes; datação dessas relações e das correspondências.

No entanto, há duas exceções significativas dentro da correspondência muriliana preservada na FCRB. Trata-se das cartas dirigidas a Carlos Drummond de Andrade e a Lúcio Cardoso. Deve-se observar que há uma disparidade quantitativa entre os dois conjuntos e que mesmo o mais extenso deles, o das cartas para Drummond, é reduzido, se comparado com outras correspondências extensas, como as desenvolvidas entre Mário de Andrade e o próprio Drummond ou Manuel Bandeira. Todavia, essas cartas de Murilo para Drummond e para Lúcio mostram-se significativas em vários níveis.

A correspondência dirigida por Murilo a Drummond constitui um conjunto de 52 peças, na quase totalidade manuscritas. A primeira delas é datada do Rio de Janeiro, 18 de maio de 1930, e a última, de Roma, 8 de outubro de 1971. Trata-se, em sua maioria, de cartas, havendo apenas alguns telegramas e cartões. Estendendo-se por um período de cerca de

de Araújo, e em dois trabalhos de minha autoria, Murilo Mendes. A invenção do contemporâneo (São Paulo: Brasiliense, 1986) e Territórios/Conjunções. Poesia e prosa críticas de Murilo Mendes (Rio de Janeiro: Imago, 1993).

quatro décadas, a correspondência é mais intensa no começo; sua frequência se reduz com o passar do tempo, até se tornar esporádica. No início da correspondência, Drummond residia em Belo Horizonte, e Murilo Mendes, no Rio de Janeiro. Há peças enviadas por Murilo de Juiz de Fora e Pitangui. Vale notar que a correspondência prossegue mesmo quando, em 1934, Drummond se muda para o Rio de Janeiro. Já com a mudança de Murilo para Roma, cai significativamente a frequência da correspondência. Mesmo sem se ter conhecimento das cartas de Drummond, pode-se dizer que a primeira carta de Murilo parece ser de fato o início da correspondência, do que há nela alguns indícios. O principal deles é a referência ao envio do primeiro livro de Drummond, *Alguma poesia*, que Murilo agradece. Este envio provavelmente motivou a carta, nesta não havendo referência a qualquer carta anterior de Drummond. É claro que, se as cartas dirigidas por Drummond a Murilo tiverem subsistido e vierem a público, há a possibilidade de surgimento de outros dados que modifiquem as suposições.

A correspondência dirigida por Murilo a Lúcio compõe-se de 13 peças, entre cartas e cartões. Há em anexo duas outras peças que não constituem propriamente correspondência, mas que são elementos dela: um cartão para que a dona da pensão onde Murilo morava deixasse o visitante entrar e um depoimento sobre um grupo de teatro organizado por Lúcio. Todas as peças, com exceção do depoimento, são manuscritas. A primeira é um cartão postal de Cambuquira, MG, não datado, mas com carimbo postal de 2 de fevereiro de 1935. A última é uma carta datada de Roma, 18 de abril de 1961. A correspondência está concentrada em fins da década de 30 e década de 40, fora do que há apenas um breve cartão de 1951 e, dez anos depois, uma carta, já referida, de 1961. Além dos locais referidos, há cartas datadas ainda de Pitangui, Juiz de Fora, São Paulo e Rio de Janeiro, sendo que Lúcio Cardoso residia nesta última cidade desde 1929.

No início deste mapeamento, importa observar que, com muita probabilidade, o conjunto das cartas enviadas a Drummond por Murilo encontra-se completo. Isto pode ser verificado pelo teor mesmo da correspondência, mas essa verificação é parcial, naturalmente, porque na parte do outro correspondente podem ser encontrados indícios diferentes. Dado

importante que apóia a suposição de que toda a correspondência de Murilo dirigida a Drummond tenha sido preservada, ainda que este seja um dado externo, é o fato conhecido da atenção arquivística de Drummond. Todos os documentos que integram o seu arquivo foram por ele guardados de forma cuidadosa e ordenada.

O mesmo não ocorre no caso de Lúcio Cardoso. Embora tenha guardado numerosos documentos, não o fez de forma ordenada. Quando de sua doação à FCRB, estavam em desordem e visivelmente incompletos². Assim, no que se refere às cartas de Murilo, não se tem qualquer dado que comprove estar o conjunto completo ou não. Talvez a outra parte da correspondência, a de Lúcio para Murilo, viesse a oferecer elementos complementares.

Mesmo com vários elementos incompletos ou indefinidos, já estão aí alguns aspectos caracterizadores de dois conjuntos diferentes de correspondência e, conseqüentemente, dos universos e das relações dos autores em questão. Em primeiro lugar, está a diferença na extensão; em segundo lugar, a diferença na maior probabilidade de uma correspondência estar completa e a outra não.

2.

Resumindo na expressão "equivoco epistolar" sua tese sobre a correspondência de escritores, Vincent Kaufmann formula a noção de que, em vez de contribuir para aproximar, para comunicar, o gesto epistolar cria uma distância, "desqualifica toda forma de partilha e produz uma distância graças à qual o texto literário pode sobrevir"³. A proposição de tal hipótese implica afirmar o caráter oscilante da correspondência, "fragmentos de vida muito escritos para uns, textos muito pouco textuais para outros"⁴.

² Na edição crítica de *Crônica da Casa Assassinada* publicada pela coleção Archives em 1991, a descrição dos originais do romance dá idéia da situação de todo o material deixado por Lúcio Cardoso.

³ Kaufmann, Vincent. *L'equivoque epistolaire*. Paris: Minuit, 1990, p. 8.

⁴ Ibid. p. 7.

Assim, o "correspondente contumaz"⁵ surge como um "trânsfuga contagioso"⁶, atuando num "terreno vago", a correspondência, que é para alguns escritores, "independentemente de seu eventual valor estético, uma passagem obrigatória, um meio privilegiado de ter acesso a uma obra"⁷. O "correspondente contumaz" seria então o "elo que falta entre o homem e a obra"⁸. Quer as relações entre a correspondência e a obra sejam mais ou menos diretas, mais ou menos explícitas, esta não é a única possibilidade de perceber vínculos. O desenvolvimento da correspondência pode servir para, ao estabelecer uma distância, abrir um espaço propício à criação da obra.

Naturalmente, aí se faz necessária uma série de condições. A primeira é dispor-se de um corpus epistolar suficiente, o que pode ser entendido de dois modos diante de uma outra observação de Vincent Kaufmann: na escolha de correspondências por ele realizada, "as correspondências representam um corpus ao mesmo tempo superabundante e sempre lacunar"⁹. A correspondência é lacunar na medida em que compõe um longo texto fragmentado, podendo ainda ocorrer a situação de algumas peças não terem sido preservadas. Se a escolha de Vincent Kaufmann se deu por correspondências superabundantes, é fácil supor que nos casos contrários torna-se precário rastrear os elementos que sustentam sua hipótese.

Outra questão que as colocações de Kaufmann suscitam é a do tipo de correspondência - entre dois escritores ou entre escritor e não-escritor. De início, seria possível supor que no

⁵ Este é o título do volume em que se publicou a correspondência de Mário de Andrade para Pedro Nava (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982).

⁶ Kaufmann, V., p. 7.

⁷ Ibid. p. 8.

⁸ Ibid. p. 9.

⁹ Ibid. p. 10.

primeiro caso mais evidentes seriam as relações com a obra, mas Kaufmann procura mostrar que uma correspondência como a de Kafka/Felícia também propicia aquele espaço de passagem para a literatura. Isto porque em ambos os casos importam fatores além do que pode ser lido de forma literal, ou seja, importam algumas articulações estabelecidas pela correspondência.

No caso de Murilo, as condições da correspondência em questão não permitiriam, em princípio, abordagens semelhantes. Todavia, alguns indícios das possibilidades referidas se tornam aos poucos visíveis, ainda que talvez escapem algumas minúcias.

3.

Mas a esta altura o exame das correspondências, pressupondo o torná-las públicas e sua relação com a produção literária, permite algumas indagações sobre o estatuto privado do material e os diferentes níveis de relação do texto epistolar com o texto literário, em sentido estrito, ou com o universo cultural dos autores, em sentido lato. Um exemplo digno de nota é a publicação da correspondência de Mário de Andrade para Drummond. Ao publicar as cartas a ele dirigidas por Mário, Drummond trata justamente da questão de tornar público o que inicialmente era privado. Em primeiro lugar, Drummond argumenta no plano não privado, referindo o desejo de Mário de que suas cartas não fossem publicadas:

A obediência implicaria sonegação de documentos de inegável significação para a história literária do Brasil. Não só os praticantes da literatura perderiam com a falta de divulgação de cartas que esclarecem ou suscitam questões relevantes de crítica, estética literária e psicologia da composição. Os interessados em assuntos relativos à caracterização da fisionomia social do Brasil também se veriam lesados pela ignorância de valiosas reflexões abrangentes de diversos aspectos da antropologia cultural.¹⁰

¹⁰ A Lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. IX.

Mas Drummond encontra outra explicação no plano pessoal, quando comenta que em 1944 publicara cartas de Mário na imprensa e que este não o recriminara, antes aprovara a escolha. Acrescenta ainda que no mesmo ano Mário permitiu a publicação de cartas suas para Cecília Meireles, o que se pode encarar como um "processo de contradição explicável psicologicamente".¹¹

Referindo-se àqueles que tiveram correspondência mais intensa com Mário, Drummond observa:

Mas fui, sem qualquer dúvida, aquele dos quatro que mais se correspondeu com Mário, e portanto mais recebeu dele em bens imponderáveis. Estabeleceu-se imediatamente um vínculo afetivo que marcaria em profundidade a minha vida intelectual e moral, constituindo o mais constante, generoso e fecundo estímulo à atividade literária, por mim recebido em toda a existência. Isto sem falar no que esta amizade me deu em lições de comportamento humano, desvelos de assistência ao homem tímido e desarvorado, participação carinhosa nos cuidados de família, expressa em requintes que a memória e a saudade tornaram indelévels.¹²

Em outro ponto, Drummond especifica como se deu essa amizade, ou melhor, qual efetivamente foi a função que a correspondência assumiu como forma não apenas de discutir questões intelectuais, mas desenvolver a amizade:

A bem dizer, e paradoxalmente, jamais convivi com Mário de Andrade a não ser por meio das cartas que nos escrevíamos, e das quais a parte mais assídua era sempre a que vinha de São Paulo, discutindo temas estéticos e práticos, oferecendo e renovando oferecimento de préstimos, reclamando da preguiça ou do desânimo do missivista incorreto. Nem mesmo a partir de 1938, quando ele passou a morar no Rio de Janeiro, onde permaneceu até 1941, e onde eu já residia desde 1934, nos vimos assiduamente e menos ainda nos dedicamos à fraterna conversa, devido a esses tapumes que o trabalho (só ele?) costuma levantar entre

¹¹ Ibid.

¹² Ibid. p. VII-VIII.

peças que se estimam cordialmente: eu, na minha lida infundável de burocrata no Gabinete do nosso comum amigo Ministro Gustavo Capanema, titular da pasta da Educação; ele, embora mais livre, também engolfado em trabalho e em modo de viver que o mantinham relativamente distante de meu dia-a-dia. Foi preciso que Mário voltasse a morar em São Paulo, para recomençar o ciclo da comunicação escrita.¹³

Assim, a passagem do privado para o público envolve uma interpenetração desses planos no desenvolvimento da correspondência. As cartas são importantes pelo que transmitem culturalmente, e por isso devem ser divulgadas, mas mesmo em nível pessoal há esse reconhecimento, quando as cartas são a efetivação da amizade - aceitar a publicação é patentear essa amizade. A dimensão privada, a amizade, se define por via das sucessivas discussões epistolográficas culturais. À concreta distância pessoal corresponde uma grande aproximação via carta.

Os comentários de Drummond ainda trazem um dado nada desprezível: o fato de Mário ser mais assíduo que Drummond. Não há na correspondência uma equivalência perfeita entre as partes, o que se pode ver como outra forma de lacuna, mas também como sinal dos diferentes móveis que levam à correspondência.

4.

Na correspondência de Murilo, devido a suas dimensões e sua condição lacunar, nos vários aspectos referidos, não se podem definir com precisão elementos desse tipo. Todavia, algumas pistas são perceptíveis. Quando Murilo se transfere para a Europa, ou seja, quando de fato passa a haver uma distância entre ele e seus amigos e quando então a carta seria uma forma de aproximação, diminui sensivelmente a frequência da correspondência. As cartas podem então ser lidas não como uma comunicação simplesmente, mas como um

¹³ Ibid. p. VIII.

meio especial de realizar um determinado nível de comunicação, no lugar de outro, talvez mais efetivo, ou seja, a carta preserva uma distância. Com a mudança para a Europa, não há mais necessidade de manter a distância no cotidiano. Dado significativo é a própria caligrafia de Murilo. Ao lado de uma caligrafia cursiva habitual, Murilo usava às vezes uma caligrafia tipo letra de forma; esta ocorre em correspondência de caráter menos pessoal e quando a troca de cartas está em seu término. Exemplo é um cartão de 18 de janeiro de 1951 para Lúcio Cardoso (a última peça da correspondência de Murilo para Lúcio datada do Brasil), em que Murilo solicita a Lúcio a publicação no suplemento da Tribuna de um poema de sua amiga Carminha Gouthier. Na correspondência com Drummond as peças em letra de forma já são todas de Roma: carta de 16 de fevereiro de 1958 em que se trata de colaboração numa homenagem a Ungaretti; cartão de natal datado de 1958/1959; carta datada de 10 de fevereiro de 1966, em que Murilo retribui referência a ele em poema de Drummond, enviando-lhe os dois textos sobre Drummond incluídos em *Convergência*; cartão datado de 8 de outubro de 1971 em que se refere o envio de *Convergência*. São estas comunicações bem mais sucintas do que o que se encontra nas cartas iniciais, quando a distância entre Minas e Rio, ou mesmo dentro do Rio, era bem menor.

Um elemento emblemático da questão se encontra na correspondência com Lúcio. É o cartão que dá direito a Lúcio de entrar na pensão em que Murilo morava para visitá-lo. Em carta datada do Rio, 31 de julho de 1944, Murilo explica a Lúcio por que este foi impedido de visitá-lo - Murilo era obrigado por questões de saúde a manter repouso. Um P.S. diz: "Junto esta autorização especial, para que não se repita o fato desagradável. Pedindo a Saudade para ser minha embaixatriz, confiro-lhe uma honra que não estenderia a muitos". Em um pequeno cartão com o nome "Murilo Mendes" impresso, lê-se: "Mlle. Brandt / Meu amigo Lúcio Cardoso pode subir a qualquer hora (salvo à hora do repouso absoluto, entre 1 e 4) - mesmo que eu tenha avisado que não posso receber ninguém. / Agosto 1944. / Murilo". A comunicação se dá por meio de uma série de interposições. Em primeiro lugar, Murilo se dirige a Lúcio, mas concretamente quem permite o contato é uma terceira pessoa, interposta, a futura mulher de Murilo, Maria da Saudade Cortesão. Quem, por sua vez, permite a entrada é Mlle. Brandt. Murilo avisa que não recebe ninguém, mas recebe

Lúcio; Murilo recebe Lúcio, mesmo que não receba ninguém, mas de qualquer modo não recebe Lúcio se for a hora do repouso absoluto. Acrescente-se que na carta Murilo se refere a outras ocasiões em que Lúcio faltou a compromisso marcado, o que atribui ao destinatário um papel no jogo de interposições. É como se as relações se dessem apenas à distância, via salvo-conduto da correspondência.¹⁴

Um episódio de desentendimento com Drummond é também revelador. Sobre uma possível colaboração numa "peça com motivos da vida de Cristo", de que participariam outros poetas, Murilo escreve em 19 de janeiro de 1956 a Drummond, dizendo: "esperamos todos que V. revogue sua decisão anterior de não colaborar". Mas ele próprio, Murilo, também recusara colaborar. A seguir modifica sua posição: "quando afirmei, de forma violenta e desagradável, não poder aceitar a tarefa, tinha em vista somente minha posição de católico. Meus parceiros, não se achando na mesma situação, estavam automaticamente excluídos do conflito". Adiante Murilo renova "as desculpas que ontem lhe pedi pelo telefone. (...) Por outro lado, nego-me a admitir a idéia de um estremecimento na nossa velha amizade, visto continuar a encará-lo como um poeta exemplar e um amigo lúcido e leal, cujo contacto me é deveras precioso". O contato mais direto e pessoal via telefone é enfatizado e firmado por intermédio da carta de tom formal. A carta, ao contrário do telefonema, fica como documento, inclusive para uma posteridade pública. A consciência dessa situação é demonstrada e assinalada por Drummond quando este anexa à correspondência arquivada uma cópia da carta que sobre o assunto enviara a Murilo (um cuidado que supre a eventual não conservação das cartas em poder deste último).

¹⁴ A propósito desses meandros de aproximação e afastamento, vale lembrar os comentários de Deleuze e Guattari (que em certo sentido vão ao encontro dos de Kaufman) quando, com referência a procedimentos de Kafka nesse plano, trazem à discussão aspectos exemplares da correspondência de Proust: "As cartas de Proust são antes de tudo topografias de obstáculos, sociais, psíquicos, físicos e geográficos; e os obstáculos são maiores na medida que o correspondente está próximo" (Gilles Deleuze e Félix Guattari, *Kafka. Por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977, p. 51 n.).

5.

Estes dados podem ser lidos como uma forma de delimitar os espaços das relações - em diferentes níveis de amizade, de distâncias/aproximações, de interesses pessoais individuais/comuns. Embora as correspondências com Lúcio e Drummond se desenvolvam aproximadamente na mesma época e embora ambas revelem um elevado grau de aproximação pessoal, elas se distribuem por questões diferentes. Ou melhor, Murilo nelas faz uma distribuição de aspectos de sua biografia. Está claro que elementos também definidores dessa distribuição são os destinatários e seus perfis extremamente distintos. Os pontos de contato/afastamento com cada um deles vão constituindo formas de aglutinação das questões dispersas pelas cartas - dispersão que se acentua (de modo bem distinto da que se pode verificar em um diário ou mesmo em memórias) com a distribuição efetivada na troca entre remetente e destinatário e com a perda decorrente de inevitáveis lacunas.

Alguns grandes temas ficam claramente separados nas duas correspondências. No que se refere a sua situação de trabalho, Murilo só trata do assunto com Drummond. Quanto ao problema religioso, só o refere em cartas a Lúcio. As explicações são imediatas. Quanto a trabalho, a situação de Lúcio não era muito diferente da de Murilo. Já Drummond era a pessoa que tinha possibilidades de resolver a situação de falta de emprego, graças aos cargos que ocupou no funcionalismo público.

Assim, já na quinta carta para Drummond, datada do Rio, 28 de novembro de 1932, pode-se ler:

Mas, Carlos - lá vai choradeira. Passemos para a parte da "ficção". Hoje mandei carta pedinchona para o Capanema - quero um lugarzinho de fiscal de jogo - se vocês não me arranjarem isto, pior para vocês - fico feito uma sarna - choverão cartas, telegramas, e, provavelmente, a minha pessoa, sobre vocês! Preciso da nota, meu amigo, estou na quebradeira - o cartório de Anibal por enquanto - um "enquanto" que vai durar muito - dá pouquíssimo! Preciso, portanto, de cavar o lugar de fiscal de jogo; e, como diz o samba: o decreto vai sair!

É só um telegraminha do Capanema ao Pedro Ernesto, ou do venerando presidente Olegário ao Getúlio. Se não réussir, pretenderei outro lugar. Fique certo que não largo mais vocês. Peguei o gostinho. Tome nota! - Você recebeu a carta de Aníbal a respeito? Carmelita já escreveu ao Capanema. Eu sei tudo! Espio tudo! Sai da moleza! Fica em cima do Capanema! Agora sou movido a gasolina! Álcool motor não dá sorte! Carlos, me responda por favor se Capanema recebeu minha carta! Estou interessadíssimo! Preciso casar, Carlos! Posso escrever tratados sobre a vida de solteiro! Preciso melhorar de sacanagem! Eu não tenho mais pudor! Não largarei vocês! Foi assim que Venceslau, Bernardes, Washington Luís, etc., chegaram a presidente da república!

Em carta anterior, datada de Pitangui, 3 de fevereiro de 1931, Murilo já anunciava como se poderiam desenvolver as relações neste nível: "O diabo é que o Capanema agora é troço - mas felizmente eu tive o cuidado de mandar poemas e recados pra ele quando apenas professor aqui, porque sabia que ele era dos nossos. É o diabo a gente se dirigir aos sujeitos importantes".

Mais adiante prossegue o pedido de interferência de Drummond junto a Gustavo Capanema, como em carta datada do Rio, 16 de fevereiro de 1933:

Você vai me prestar mais um grande favor: peço-lhe informar reservadamente se o Capanema não se aborreceu comigo por eu ter recusado a cadeira de português na E. N. de Pitangui. Além dos motivos que já lhe expus há tempos, acontece que razões de ordem material dificultavam na ocasião a minha mudança do Rio. Telegrafei há dias ao Capanema pedindo-lhe para cavar com o Getúlio a minha nomeação para fiscal de nacionalização do trabalho (Ministério do Trabalho) - pois existe uma vaga. É por isto que lhe peço me informar sem medo, com absoluta franqueza, quais as disposições do Capanema a meu respeito. Conforme for, talvez não me convenha fazer novo assalto. Mas se ele continua com boa vontade, insistirei, pois preciso de resolver meu caso. Botei a vergonha de lado e estou resolvido a cavar - você sabe, não é, crise mundial, etc. Espero, portanto, que você me responda com a possível brevidade, para que possa me orientar, e COM FRANQUEZA.

Os pedidos prosseguem ao longo de alguns anos. Há um breve bilhete datado do Rio, 7 de dezembro de 1932, em que Murilo indaga "se o Capanema pode dar o jeitinho". Esta

peça inclui também bilhete de próprio punho de Aníbal Machado, pedindo que Drummond intervenha a favor de Murilo. Dois dias depois, Murilo escreve referindo recebimento de telegramas de Drummond e Capanema, bem como envio de telegrama a este último "sugerindo outro lugar". Em carta de 16 de fevereiro de 1933, ainda há referência a emprego. Passados alguns anos, Murilo já não pede emprego, mas trata de assuntos ligados a seu trabalho, continuando a pedir ajuda de Drummond. Em carta datada de Juiz de Fora, 5 de fevereiro de 1937, lê-se:

Passando a assunto menos sério: envio ao Capanema, por seu obsequioso intermédio, uma lista de livros para completar o relatório da C.L.I. A lista não está completa, pois examinaram-se vários antes de se mandar fazer as fichas, tomando-se notas em pequenos pedaços de papel que sumiram. Só depois de um certo tempo é que se resolveu guardar as notas, até que enfim chegaram as fichas.

Queira o Capanema observar que só depois de julho começamos a examinar livros, pois os 21os. meses foram tomados em discussões mais ou menos técnicas sobre literatura infantil.

Anos depois, mesmo de férias, Murilo pede a intermediação de Drummond. Veja-se trecho desta carta datada de São Paulo, 12 de janeiro de 1941:

Estou passando férias aqui, mas como o regulamento exige que se mande 1 termo de visita a 15 e outro a 30, peço-lhe o favor de mandar entregar, por um contínuo, o termo incluso aí na Divisão, do contrário serei cortado nos vencimentos.

Mesmo quando já resolvida a situação de emprego, além de pedidos de auxílio para pequenos problemas burocráticos, Murilo também faz pedidos para terceiros, como o que deixa supor esta breve indagação em carta datada do Rio, 29 de julho de 1944: "Você teve oportunidade de falar com o Candinho sobre o assunto do Arpad?" A carta datada do Rio, 21 de novembro de 1944, volta a tratar de Arpad de modo mais detalhado:

Arpad Szenes procurou-me, pedindo-me por meu intermédio sua ajuda junto ao Capanema para que o Museu adquira um quadro de Maria Helena. Devido às complicações da guerra eles se acham em dificuldades financeiras. Mas, independentemente deste motivo, é

óbvio que acho justo e interessante que o Museu faça a aquisição, visto tratar-se de uma grande artista, acrescentando ainda - do ponto de vista do governo - ser ela neta de brasileiro.

Os pedidos vão além das relações no campo pessoal, intelectual e artístico, chegando a questões humanitárias, como no pedido feito em carta datada do Rio, 29 de agosto de 1944:

Trata-se de arranjar uma carta do Capanema pa. o Diretor do Sanatório Naval de Friburgo - Dr. Nelson de Barros e Vasconcelos - solicitando o internamento do Sr. Antônio Costa. Conheci esse pobre homem no S. B. B., onde ele era barbeiro e enfermeiro - embora não pudesse trabalhar, pois é tuberculoso em estado grave. É horrível!

Na mesma carta, Murilo acusa sua posição de freqüente solicitante, que goza da permanente atenção de Drummond: "A Béatrix Reynal esteve aqui e me disse que ouviu dizer que você não me recusa nada do que lhe peço. Confirmei, por ser verdade". Ao lado da mudança de foco nos pedidos, há aos poucos uma pequena alteração no tom com que são feitos. Nas cartas iniciais, o humor aberto talvez atuasse como um anteparo para os pedidos, mas não se pode esquecer até que ponto fazia parte da postura modernista. Com o passar do tempo, o tom torna-se mais formal e sucinto, como que estabelecendo um isolamento entre os pedidos e as expansões afetivas.

6.

Quanto ao problema religioso, esta era uma questão que ao que se supõe não dizia respeito a Drummond, que manteria distanciamento do problema. Lúcio era quem vivia o problema, já definido também por Murilo com sua conversão, de modo que se punha em condições de aconselhar e até mesmo catequizar seu correspondente. Em bilhete postal datado de Juiz de Fora, 22 de fevereiro de 1939, Murilo fazia este breve comentário, que deixa desperta a imaginação quanto à outra parte da troca de cartas: "Se Deus põe tantos tropeços no seu caminho, é sinal que você foi chamado para ser dos seus eleitos. Viva e sofra com o Cristo. Não há outra solução". Em carta de pouco depois, datada de Juiz de Fora, 15 de março de 1939, Murilo se estende numa longa tentativa de convencimento,

ocupando praticamente todas as seis páginas da carta, de que vale a citação de longos trechos:

Você diz que está desanimado e não vê nada na frente.

Afinal de contas os grandes e definitivos problemas são os espirituais e transcendentais. Porque evitar tocar no assunto supremo, isto é, o religioso? Lúcio, o que é que você está esperando para entrar de corpo e alma na Igreja Católica? Será possível que você ainda tenha dúvidas?... Os anos passam - amanhã você estará velho - e perguntando ainda... o que o catecismo responde! Desde que se creia na Divindade de Jesus Cristo, o resto é canja.

Uma coisa é ter simpatias pela Igreja, pendurar o Crucifixo na cabeceira da cama, e ler com agrado os grandes romancistas e poetas católicos - e outra, é ajoelhar-se diante de um padre, confessar-se e comungar, participar conscientemente do Santo Sacrifício da Missa, penetrar os dogmas e armar-se do olho católico para todos os problemas e questões, para todas as cousas, enfim. (...) Pela convivência que tenho tido com você, pelo que tenho notado e pressentido nas suas conversas, nas suas preferências, no seu molde de vida enfim, só posso concluir em toda a lógica que o Cristo o está esperando de emboscada, e que o melhor é entregar os pontos imediatamente, entrar (sem raciocínios bestas) numa igreja, fazer uma confissão geral, e comungar. A verdade te tornará livre. Você se sentirá logo formidável, independente das tolices e das convenções dos homens, você ficará armado de lentes poderosíssimas e verá o que seus olhos não viam, ouvirá o que seus ouvidos antes não ouviam. Aproveite-se da minha experiência. Eu seria um cão, um covarde de marca maior, se hesitasse mais um dia em te dizer a Verdade. Não adianta esperar, nem se tornar um observador do tempo, do mundo moderno. (...) Pretendo passar em S. Bento alguns dias da Semana Santa e você poderá me acompanhar. Qualquer esclarecimento que você queira, me pergunte.

Acho cacete e indigno de você, não ser católico. (...) Repito que resistir a Jesus Cristo, isto é, à Verdade, é indigno, monstruoso, abominável e diabólico. Igualmente o é resistir à Igreja. Você não é mais ingênuo para ignorar que o Cristo delegou poderes à Igreja, até a consumação dos séculos.

Note que não há 2 espécies de católicos: o simpatizante e o "praticante". Quem não tem vida sacramental não é católico.

Neste aspecto, surge um outro dado a partir do tom que se pode perceber nas cartas em que Murilo insta com Lúcio para que este entre para a Igreja Católica. O tom de aconselhamento talvez ainda se compreenda pela diferença de idade (Murilo era mais velho que Lúcio doze anos).

Outra setorização se dá, no plano das relações pessoais, afetivas, quando nas cartas a Drummond é feita apenas referência ligeira a namoro de Murilo, enquanto nas cartas a Lúcio há repetidas referências à especial amizade entre Murilo e a poetisa Adalgisa Nery, viúva do pintor Ismael Nery. Em nível que se pode aproximar do tom de aconselhamento permitido pela diferença de idade, mas aqui se aliando a uma especial afinidade, Murilo várias vezes pede a Lúcio que atue como seu intermediário e portador junto a Adalgisa.

Em carta a Drummond datada de Pitangui, 3 de fevereiro de 1931, Murilo comenta:

Resta o amor, vivo fazendo experiências, inda não acertei. O amor indeterminado talvez seja meio literário. Graça, bondade, simpatia, são três máquinas que convencem; bundas, seios, ancas - isto é outra conversa, mas convencem também. Vim aqui pra 15 dias, já estou há dois meses, fiz três experiências, zero, agora estou às voltas com a quarta, é extremamente simpática, me parece que tem bondade humana, muito simples, e não sabe geografia. Se eu adquirir a certeza que ela coloca mal os pronomes, casarei na certa. Não sei quando volto, por causa dessa criatura.

E outro comentário do tipo não se encontra na correspondência com Drummond. Já com Lúcio, multiplicam-se as referências a Adalgisa Nery, numa freqüente expansão afetiva. Em carta datada de Juiz de Fora, 14 de setembro de 1938, encontra-se esta breve alusão: "Tens visto Adalgisa? Peço-te procurá-la de vez em quando, pois quem gosta de mim, gosta dela também". Pouco depois, em bilhete postal datado de Pitangui, 21 de janeiro de 1939, outra breve alusão: "Tens visto Adalgisa? Ela me escreveu que está gripada. Podias telefonar-lhe, desejo que a procures sempre". Poucos dias depois, em carta datada de Pitangui, 28 de janeiro de 1939, lê-se esta instrução, escrita em diagonal na margem na terceira página: "Vou te dar outra incumbência: queira comprar um buquê de violetas (as

melhores são do florista à esquina de S. José com Avenida, ou então junto à Livr. Odeon); se não houver violetas, 1 dúzia de cravos, e entregue a Adalgisa em meu nome. Não te esqueças de me contar se desempenhaste esta agradável tarefa". No corpo da mesma carta, na página 4, lê-se outra referência:

Você procurou a Adalgisa? O telefone dela 27-6097. A propósito: por algumas cartas que recebi, soube que circulavam aí no Rio boatos a respeito de uma suposta briga entre nós dois. Peço-te desmenti-los, se ouvires falar qualquer coisa sobre. Tivemos um desentendimento, mas que não durou uma semana, como sempre. O eixo Murilo-Adalgisa é muito forte!

Um asterisco ao final desta passagem remete para uma nota, ao pé da página da carta, onde se lê: "Preferia morrer, a brigar com Adalgisa". Ainda em diagonal na margem da página 4, Murilo acrescentou: "Se deixares de procurar Adalgisa, equivalerá a deixares de me procurar". Uma informação na página 5 da mesma carta ajuda a delimitar as expansões afetivas de Murilo, ou melhor, a compreender a amizade com Adalgisa: "Continuo aqui, à distância, a viver um romance muito interessante. Por força das circunstâncias, tomou o caráter epistolar. Minha vida está aumentando em intensidade poética". Ainda na mesma página, um pouco adiante, Murilo retorna a Adalgisa: "Não esqueças que te nomeei meu legado junto a Adalgisa, durante minhas ausências: tens, portanto, que procurá-la; este é o meu desejo. Se não a encontrares em casa, deixa um bilhete para ela no José Olympio". As intermitentes referências a Adalgisa ao longo da carta e as referências acrescentadas posteriormente nas margens sem dúvida assinalam, mais que uma ênfase, um arrebatamento.

Em bilhete postal datado de Juiz de Fora, 11 de fevereiro de 1939, há uma breve indagação: "Viste A.?" Em carta datada de Juiz de Fora, 15 de março de 1939, Murilo refere falta de notícias de Adalgisa: "Ninguém mais me escreve. Só me escrevia Adalgisa, mas essa agora foi à Argentina. Quis ir até aí pa. assistir ao embarque dela, mas não pude devido a um serviço dentário".

Cerca de dois anos depois, uma outra referência a Adalgisa Nery, em carta datada de São Paulo, 18 de janeiro de 1941, se une à questão dos pedidos: "Adalgisa hoje me telefonou: pedi-lhe que obtivesse um serviço para você aqui em S. P., por uns dias. O clima aqui está ótimo".

7.

Já a questão literária, incluindo a poesia em geral, a obra de cada um e a vida literária, é tratada quase exclusivamente nas cartas a Drummond. Estariam estas questões no plano, menos das relações pessoais afetivas, que no da vida pública? Nas cartas a Lúcio, há pouquíssimas referências a estes assuntos. Em carta datada de Pitangui, 28 de janeiro de 1939, Murilo comenta um artigo que se pode entender como de autoria de Lúcio:

O artigo está bom, agradeço muito tua solicitude. Apenas um ponto debes retificar: o livro Os quatro elementos é anterior a Poesia em Pânico e Sinal de Deus. São poemas de 1931 a 1935, quando os outros são de 36 a 37. Não pode, portanto, ser o complemento, o fecho dos dois.

O comentário revela como já então era necessário ter atenção à ordem de elaboração dos livros de Murilo, que não correspondia à de publicação; ao mesmo tempo revela uma rara referência de Murilo a O Sinal de Deus, livro cujo lançamento chegou a ser anunciado pelo menos no número de 25 de novembro de 1937 do periódico Dom Casmurro e que de fato chegou a ser impresso, mas cuja publicação foi sustada (não se sabe ainda com clareza por que motivo), permanecendo o livro inédito até sua inclusão no volume da obra poética publicado em 1994 por Luciana Stegagno Picchio. Outro breve comentário em cartas a Lúcio Cardoso só será encontrado na última peça preservada da correspondência, a carta datada de Roma, 18 de abril de 1961: "Trabalhando em silêncio, escrevendo dois livros de prosa que não tenho a menor pressa em terminar". Esta referência se soma à insistência com que na época Murilo, em cartas e entrevistas, comentava seu interesse pelos textos em prosa.

Já nas cartas a Drummond, é possível encontrar pelo menos um comentário, não apenas à elaboração de suas obras, mas sobre sua concepção de poesia e sua posição dentro do modernismo, como ao se referir a seu primeiro livro em carta datada de Pitangui, 3 de fevereiro de 1931:

Mesmo porque nunca comunguei com certas idéias do Graça - perpétua alegria, entusiasmo pela máquina, América do Norte, etc. Isto é - não acho isto finalidade nenhuma, como também não penso em combater a máquina, Deus me livre. (Minha Wassermann é francamente positiva.) O que pretendo frisar é que meu livro não tresanda a estas admirações formidáveis pela obra do esforço humano - você compreende. Acho que o carnaval, por exemplo, é um título de glória muito maior para o homem, para a sua capacidade de gênio, do que o arranha-céu. A minha inquietação (desejo situá-la, porque já está se tornando muito literário falar em tal cousa) é a de um sujeito que não vê continuidade no mundo - vivo em estado de evaporação constante - precisava de mais olhos, mais eletricidade, todos os espaços, ou nenhum espaço. Seria capaz de dar um tiro na cabeça porque não posso suportar às vezes tanto coisa bonita e formidável que vejo na minha frente. Conforme digo num poema - (me permita me citar - agora sou poeta laureado, e venho nos jornais!...) - tenho horas de seiscentos minutos - meus aborrecimentos não são vagos, sei muito bem quais são. Sou escravo duma infinidade de potências descontínuas do mundo - não tenho temperamento, ou por outra, tenho vários temperamentos. Acordo padre e anoiteço moleque. Daí minha dificuldade diante da "vida prática" - e sou a desordem. Ultimamente tenho feito esforços pra ver se arranjo uma eternidadezinha - mas qual! Está difícil. O instantâneo, o imediato, não me larga. Mas o mundo hoje é terrível espetáculo. Basta abrir um jornal pra ficar arrepiado. Quanto à luta de classes, estive pensando em tomar parte nalguma campanha, agir, mas depois vi que era besteira. Pra qualquer classe que me transfira sou infeliz. Além disto, não consegui resolver o meu próprio problema econômico, acho loucura pretender resolver o da humanidade.

Comentário deste tipo pode ser considerado único; na verdade a maioria dos comentários nesta área são breves referências à produção literária de ambos ou, raramente, de terceiros, de modo mais específico em termos de vida literária. Sucedem-se referências a Alguma poesia (carta do Rio, 18 de maio de 1930); à antologia de escritores brasileiros organizada

pelo peruano Alberto Guillén (carta de Pitangui, 3 de fevereiro de 1931); a Brejo das almas (cartas do Rio, 16 de junho de 1932, Rio, 28 de novembro de 1932, e Rio, 16 de fevereiro de 1933); a poema de Drummond com alusão a Murilo (carta do Rio, 5 de setembro de 1943); a poema de Drummond (carta de Bruxelas, 3 de janeiro de 1955):

A "Flor e a náusea", em texto francês trabalhado por Saudade, provocou um tal entusiasmo que tive - com prazer - de bisá-lo, e dar 4 ou 5 cópias mais tarde. Também "Os ombros suportam o mundo", e o "Sentimento do mundo" são peças que provocam uma grande admiração. Não tendo - sem modéstia - dons de conferencista e de recitante, não há dúvida de que o sucesso deve-se exclusivamente à força e capacidade comunicativa da sua poesia

Em carta datada de Roma, 4 de fevereiro de 1959 lê-se: "Junto lhe envio um recorte do Radiocorriere, jornal especializado em que anoto as transmissões radiofônicas que desejamos ouvir. Como v. verá, consta do mesmo o seu famoso "Canto ao homem do povo Charlie Chaplin", num programa dedicado ao seu xará". A carta de Roma, 18 de março de 1960, refere inclusão de Drummond em uma antologia italiana, Il Mosaico di Poeti, da editora Nuova Accademia de Milão, fala do tradutor, da autorização para a inclusão e da disposição de Murilo para rever a tradução. Em carta de Roma, 4 de novembro de 1960, Murilo trata da tradução de Drummond para a antologia. Em carta de Roma, 1º de maio de 1963, Murilo diz "Ainda agora há pouco dei uma lição na Universidade de Pisa sobre C.D.A" e pede informações sobre texto em orelha de livro de Drummond e foto para álbum de poetas e artistas brasileiros e europeus, além de novos estudos sobre Drummond para atualizar bibliografia. Em carta de Lisboa, 14 de setembro de 1963, Murilo refere mais uma vez que ministrou aula em Pisa sobre a poesia de Drummond e observa: "Estou certo de que sua poesia tem um grande poder de comunicabilidade no estrangeiro".

A carta de 1º de novembro de 1963, de Roma, refere encontro em Sevilha com os casais João Cabral de Melo Neto e Rodrigo Melo Franco: "Durante os seis dias sevilhanos conversamos muito sobre poesia - o que é raro no mundo de hoje. Seu nome foi, naturalmente, evocado várias vezes, com o carinho e admiração de sempre". Em P.S. lê-se:

"O João, cada vez mais lúcido. Um monstro de inteligência". Vale observar que arquivado com o conjunto da correspondência se encontra um cartão postal datado de Sevilla, 29 de setembro de 1963, assinado por Rodrigo (Melo Franco), Murilo, Saudade, João (Cabral) e Stella.

Em carta de Roma, 11 de novembro de 1965, Murilo refere os poemas "Murilograma a C.D.A." e "Colagem para Drummond", que vieram a aparecer em *Convergência*, dizendo que os está retocando e que em breve os enviará a Drummond, referindo também o "Murilograma para Manuel Bandeira". A seguir, carta de Roma de 10 de fevereiro de 1966 remete os dois textos, "tardia retribuição do 'bebo em Murilo' e da quadra que tanto me honraram". A carta de 25 de janeiro de 1969, de Roma, dá continuidade à troca de gentilezas:

Um amigo mandou-me aqui do Rio a sua crônica - publicada há quase um mês - a respeito de "A idade do serrote". Agradeço-lhe muito. Se nunca fui, como sabe, um grande cortejador da publicidade (também você nunca foi nem o é), sou extremamente sensível à opinião de certos escritores de alta qualidade, e em primeiríssimo plano, obviamente, você, além do mais tão grande prosador e ensaísta quanto poeta. Sua opinião corresponde para mim a um diploma; e bem vejo, pela sua bela crônica que o meu livro repercutiu no seu espírito de forma muito positiva.

Por fim, uma carta e um cartão solicitam a opinião de Drummond. A carta de Lisboa, 30 de setembro de 1969, refere o envio de *Poliedro* e pede: "Gostaria imenso que você lhe desse uma olhada. Inútil acrescentar que sua opinião é para mim importantíssima". O cartão de Roma, 8 de outubro de 1971 cobra a acusação de recebimento: "Até hoje não sei se você recebeu '*Convergência*'. Mande-me 2 linhas, please, pois é óbvio que estou ansioso por saber sua opinião, mesmo rapidíssima".

8.

Aspectos da vida política e mesmo da política literária também são assuntos que fazem parte da correspondência com Drummond. Isto se vê, por exemplo, em carta datada de Juiz de Fora, 8 de março de 1945:

Leio nos jornais que você pediu demissão. Sem dúvida é uma pena para o Brasil, mas você está certo. E outros dias virão. Pessoalmente, não posso deixar de lhe agradecer tantas finezas que você me prestou, sempre tão solícitamente, quando no exercício do cargo.

[Acuso] Confirmo meu telegrama de hoje, pedindo-lhe o favor de me representar no almoço de sábado próximo, e de transmitir minha solidariedade à declaração de princípios do 1º Congresso de Escritores.

Abandonei a colaboração n'A Manhã, se bem que estivesse gostando, pois me dava um certo treino de escrever prosa, e além disso os 800 cruzeiros me eram muito necessários, nas circunstâncias atuais de m/ vida. Mas o governo excedeu-se, perdeu todo o controle, divorciou-se por completo das aspirações populares, e esgotou o seu já fraco conteúdo. De qualquer forma, continuar os artigos seria uma espécie de colaboracionismo.

Como você sabe, continuo em regime de saúde, por isso não posso tomar parte pessoalmente na campanha que se desenrola. Entretanto, estou bastante atento à mesma; por isso - caso você julgue oportuno - poderá divulgar que estou solidarizado com a campanha democrática, e absolutamente contra os métodos do governo. Se acharem interessante, poderei escrever, mesmo sobre assunto político, pequenas crônicas e notas - desde que m/ saúde o permita.

Além de evidenciar a postura política de Murilo, esta carta traz dado digno de nota no tocante à produção literária do autor, ou seja, a referência a "treino de escrever prosa", revelando antiga e especial atenção a este setor de sua produção. Ao lado ainda do dado biográfico da doença de Murilo, observa-se que mais uma vez continua a fazer alguma solicitação a Drummond, pedindo a este que atue como seu intermediário.

Merece menção ainda a carta - datilografada, o que indica sua especial formalidade - datada de Juiz de Fora, 4 de abril de 1945, pois exprime com clareza uma tomada de posição:

Mais uma vez me dirijo, por seu generoso intermédio, à imprensa carioca, ditando esta carta do meu leito de doente, a fim de pedir anistia.

Considero a instituição da anistia o preâmbulo indispensável à obra de reerguimento democrático do país.

Como escritor católico, representante de uma multi-secular tradição humanística, protesto contra a farsa que consiste em denominar cristão o regime que atravessamos, regime de regalias e de privilégios anti-populares.

As medidas que ora defendemos, essas sim conduzem ao estabelecimento de um regime onde os princípios da civilização cristã poderão ser invocados.

Anistia para todos os presos e exilados políticos!

Na mesma linha de preocupação quanto ao posicionamento político, está uma carta anterior, ainda da época do internamento, pois datada de Sanatório Bela Vista, Correias - E. do Rio, 2 de março de 1944, quando outra solicitação se faz ao intermediário Drummond:

Carlos, desejo entrar para a A.B. de E. Não sei quais são as formalidade necessárias; suponho que seja preciso a apresentação por um associado, por isso peço-lhe que indique o meu nome. Há muito que me bato - mas isoladamente - por esse ótimo programa da A. Agora, coletivamente, muita coisa útil será feita. Encaminho desde já à A., por seu intermédio, a minha total solidariedade. A A. precisa reagir contra toda medida policial que surgiu, de coação à liberdade intelectual. Essa coisa de censura é incrível!

9.

Voltando ao plano especificamente literário, merecem ser apontadas algumas passagens das cartas que trazem dados importantes para a história da publicação das obras de Murilo.

A carta datada do Rio, 16 de fevereiro de 1933, ao referir à próxima publicação da História do Brasil, contribui para que se estabeleça a data deste livro como sendo 1933 e não 1932 como habitualmente se fez. As cartas datadas de Ouro Preto 26 de janeiro de 1949 e 19 de março de 1949, além de permitirem deduzir o período que o poeta passou na cidade e que antecedeu a elaboração de Contemplação de Ouro Preto, trazem importante informação também sobre História do Brasil, ou melhor, sobre sua exclusão da reunião da obra poética de Murilo publicada em 1959. Em P.S. na primeira carta, lê-se:

Estou organizando o plano das minhas poesias escolhidas (...) Pensei em reunir 80 poemas; o Manuel entretanto é de opinião que eu devo publicar um livro grosso, pelo que resolvi escolher 200 poesias, excluindo do plano a História do Brasil.

Já na segunda se lê:

Tomei boa nota da sua reivindicação de poemas da História do Brasil. Não tenho o volume aqui, mas creio que poderei incluir sem dano os 2 textos que v. citou. Terei naturalmente gde. prazer em atendê-lo. Saudade já seguiu na ma. frente. Estou custando a desgarrar. A estadia aqui me tem sido muito útil.

Além de mostrar a antecedência com que começou a se gerar o volume das poesias reunidas, provavelmente surgido da idéia inicial de uma antologia que Bandeira pedia mais volumosa e da qual Drummond não queria a exclusão da História do Brasil, a carta mostra que já em 1949 Murilo pensava nessa exclusão. Todavia, nessa época sua posição não era irrevogável, pois ele dizia aceitar a sugestão de Drummond.

Tempos depois, em cartas datadas de Roma, 11 de novembro de 1965 e 10 de fevereiro de 1966, Murilo refere dois livros de poemas, Contacto e Exercícios, "tentativas de reformulação da minha linguagem poética", como se lê na segunda carta. Na primeira, Murilo explicita que do primeiro livro consta um "Murilograma a C.D.A." e do outro uma "Colagem para Drummond". Na verdade, esses dois livros projetados (considerados até mesmo inteiramente projetados, pois na segunda carta se diz "meus dois livros já prontos") vieram a constituir o volume Convergência.

10.

Finalmente, uma outra área de interesse de Murilo estabelece mais uma setorização nas correspondências com Drummond e Lúcio. A música, elemento tão caro a Murilo, é objeto, de forma mais detida, apenas de cartas a Lúcio, havendo apenas breve referência em carta a Drummond. Na carta datada de Pitangui, 3 de fevereiro de 1931, para Drummond, lê-se: "Diga ao Capanema que ele agora pode vir aqui, em Pitangui já tem Prokofiev, Mussorgsky e Stravinsky pra se ouvir. Meu mano tinha chegado até Wagner, mas eu fiz ele dar um pulo até aqueles bambas. Ontem chegou uma porrada de discos." Já nas cartas para Lúcio há algumas breves referências e pelo menos uma de certa extensão. Esta se encontra na carta datada de Pitangui, 28 de janeiro de 1939, na qual se lê:

É pena que não possas vir passar uns dias aqui, principalmente devido a música. Pitangui é uma tapera com rádio. Chove interminavelmente e eu passo os dias estendido numa cadeira, lendo um pouco, ouvindo muito (principalmente Beethoven) e dormindo. Escrevo páginas e páginas, que queimo. A maior parte do que tenho escrito nesta vida, queimo. O fogo é mesmo purificador.

Aqui na discoteca há uma quantidade enorme de discos de Beethoven, de maneira que eu tenho feito quase um curso. Recomendo-te, entre outras cousas notáveis, o "Trio ao Arquiduque" (op. [1]97) e a sonata op. 31, nº 2. Não fica a dever coisa alguma à Appassionata. É realmente grandiosa. Ao contrário do que escreveu Wagner, entendo que Beethoven é um temperamento essencialmente sinfônico: em tudo que escreve / fora das sinfonias / sente-se o sinfonista encarcerado no piano, no violino - no trio, na sonata, etc. Há também muito Bach por aqui. Mozart, algum. Além de outros discos, uma sonata pa. violino e piano, nº 42 (K. 526) que acabo de ouvir, botando em seguida a sonata op. 2, nº 1, de [Moza] Beethoven*; pois bem, achei a sonata de Mozart mais beethoveniana do que a de Beethoven.

Não deixes de ouvir, repito, essa formidável 31, nº 2. Pa. mim, são as 3 grandes: essa, a Appassionata e a III. Esta é talvez a mais "cósmica" de todas. Procure ouvir também o quarteto op. 59 nº 3*: é de uma violência, de uma agressividade, incríveis. Tem um andante, que é das maiores cousas que tenho ouvido na minha vida.

Para se conhecer bem um músico, é necessário ouvir muita coisa dele, em seguida. É por esse motivo que eu tanto ouvia Mozart, ultimamente, aí no Rio: conhecia-o pouco, e precisava ouvir muito, em seguida, muita coisa junta, para me familiarizar bem com o seu estilo e o seu canto.

Se revela o interesse de Murilo por música e, em contrapartida, também o de Lúcio, fica claro ainda que a posição do primeiro é a de quem orienta. Enfatiza-se aí mais uma das peculiaridades destas relações epistolares de Murilo, marcadas pela orientação, pelo préstimo, pela intermediação, em suma, por várias interposições representadas em diversos momentos pelos destinatários. Há, em vários momentos, como que um duplo afastamento - em relação ao destinatário e em relação àquilo junto a que o destinatário serve de intermediário.

11.

Ao propiciarem um mapeamento pelo menos de parte do universo muriliano, essas cartas ao mesmo tempo naturalmente fornecem numerosos dados que ajudam a compor sua biografia e seu trajeto intelectual. As diferenças entre as cartas se, de um lado, são devidas às diferenças das personalidades destinatárias, revelam também, não uma adequação do remetente ao destinatário, mas talvez uma escolha feita pelo remetente para atender a sua necessidade de estabelecer suas próprias delimitações, atribuindo então a cada destinatário um papel. Fica evidente que isto se dá apenas para ele próprio, remetente - e não no sentido de comunicar essas delimitações, já que elas se dão em conjuntos distintos de correspondências, ou seja, de modo totalmente fragmentário para os destinatários, que só têm acesso a partes isoladas do grande texto que o autor-remetente vai formando (e que o leitor amplia com a inclusão dos textos dos diversos destinatários).

Se a relação da correspondência com o universo intelectual do autor não é difícil de se perceber, a partir do momento em que se distinguem as delimitações que ele aí faz também começa a ser perceptível como esses textos fragmentados podem esboçar espaços onde a obra se constrói. De modo mais imediato as referências religiosas e musicais se associam aos muitos artigos que sobre esses assuntos Murilo publicou. É claro que se pode

supor que a ampliação do volume da correspondência permitiria maiores especificações, aqui bastante fluidas.

Referindo-se a textos privados, como diários e cadernos de anotações, Louis Hay observa que "seu desenvolvimento no tempo dá sem dificuldade a suas inscrições um encadeamento e um ritmo que permitem gerar elementos textuais sem passar por todas as formalizações da obra"¹⁵. O encadeamento e o ritmo da correspondência são bastante diferentes, pela intercalação das cartas dos dois correspondentes e pelos espaços de silêncio, de lacuna, de ausência decorrentes desse fato e de eventuais extravios, havendo ainda a presença do destinatário como qualificador da privacidade da correspondência em relação aos outros tipos mencionados. Mas sem dúvida a correspondência, com suas peculiaridades, pode se incluir nesse circuito, quando então vale levar em conta esta outra observação de Louis Hay: "A tendência contemporânea a tratar a escrita privada como uma escrita pública diz respeito, de fato, ao mesmo tempo ao escritor e ao leitor". Isto na medida em que a ambos interessam os processos de elaboração. No caso em questão, o da correspondência, importa ressaltar sua possível leitura como integrante da produção geral do autor. Além do mais, a correspondência em estado manuscrito oferece dados que alimentam sua leitura e modulam a passagem do privado ao público. (Relembrem-se aqui, por exemplo, os diferentes tipos de letras de Murilo, usados em diferentes circunstâncias, ou situações como dados importantes deslocados para as margens da folha.) Neste sentido, a pequena correspondência de que aqui se apontaram alguns princípios de mapeamento oferece sinais de uma potencialidade que incentiva sua exploração na leitura do conjunto da produção de Murilo Mendes.

¹⁵ Louis Hay, "L'amont de l'écriture". In: Louis Hay et alii, *Carnets d'écrivains*. Paris: CNRS, 1990, p. 20.